

## LICÃO 05 – DONS DE ELOCUÇÃO

Subsídio elaborado por Inacio de Carvalho Neto.  
E-mail do autor: [ibcneto@inaciocarvalho.com.br](mailto:ibcneto@inaciocarvalho.com.br).

### Comentários iniciais:

#### **Conceito de dons:**

- Dons são dádivas, favores imerecidos que Deus concede aos homens que estão dispostos a servi-Lo. O Espírito Santo se manifesta na igreja por meio dos seus dons. É pelos dons que sentimos a presença do Espírito Santo na igreja.
- Já de início, devemos deixar claro que os dons devem ser buscados pelos cristãos. Paulo deixou claro em 1Co. 12.31: “procurai com zelo os melhores dons”. E mais adiante ele reforça (1Co. 14.12): “Assim, também vós, como desejais dons espirituais, procurai sobejar neles, para a edificação da igreja”.
- Os cristãos de hoje têm negligenciado a busca pelos dons espirituais. Muitos estão mais preocupados em procurar a prosperidade material. Mas o verdadeiro cristão deve se esforçar em receber os dons espirituais; e não deve se contentar com um apenas; deve buscar sempre mais e melhores dons.
- Outra observação inicial a fazer é que Paulo começa a falar do assunto dos dons dizendo que não queria que eles fossem ignorantes a respeito (1Co. 12.1). Ou seja, é sempre importante que o crente seja instruído sobre todos os temas da sua vida cristã. O cristão deve sempre estudar a Bíblia e procurar aprender cada vez mais. Pessoas que se dizem espirituais e são anti-intelectuais, arredios ao estudo das Escrituras, na verdade não têm nada de espirituais.

#### **Lista de dons:**

- O texto básico a este respeito está em 1Co. 12.8-10: “Porque a um, pelo Espírito, é dada a palavra da sabedoria; e a outro, pelo mesmo Espírito, a palavra da ciência; e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé; e a outro, pelo mesmo Espírito, os dons de curar; e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas”.
- O texto arrola aí 9 tipos de dons (não são 9 dons, como se costuma falar, são 9 tipos de dons, pois alguns desses tipos abarcam vários dons).
- A grande questão a este respeito é: este texto é taxativo? Em nenhum momento Paulo diz que são apenas estes 9 os dons espirituais. Na verdade, o Espírito Santo é uma pessoa infinita e tem uma provisão infinita de dons para atender a cada necessidade. Podemos pensar, por exemplo, no dom de ajudar (ou dom de socorrer) que algumas pessoas têm: uma manifestação sobrenatural do Espírito na vida de alguém com o propósito de socorrer os necessitados, por exemplo.
- Há outra lista de dons no mesmo capítulo (1Co. 12.28-30), que são chamados de dons ministeriais: “E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas,

em terceiro, doutores, depois, milagres, depois, dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas. Porventura, são todos apóstolos? São todos profetas? São todos doutores? São todos operadores de milagres? Têm todos o dom de curar? Falam todos diversas línguas? Interpretam todos?”. Semelhantemente, em Ef. 4.11.

- Em Rm. 12.6-8 há outra lista, não tão completa e que mistura dons espirituais com dons ministeriais: “De modo que, tendo diferentes dons, segundo a graça que nos é dada: se é profecia, seja ela segundo a medida da fé; se é ministério, seja em ministrar; se é ensinar, haja dedicação ao ensino; ou o que exorta, use esse dom em exortar; o que reparte, faça-o com liberalidade; o que preside, com cuidado; o que exercita misericórdia, com alegria”.

- Ainda que considerássemos a lista de 1Co. 12.8-10 taxativa, temos que observar que um dos dons está referido como “dons de curar”, no plural, portanto, sugerindo que há mais de um dom de curar; então, os dons não são apenas nove.

- Não importa quais dons uma pessoa tenha, todos são dados pelo Espírito Santo. Somos responsáveis por usar e aprimorar nossos dons, mas não podemos receber nenhum mérito por aquilo que Deus nos deu gratuitamente.

- Mas o fato de a lista não ser taxativa não quer dizer que possamos incluir qualquer coisa na lista como dom espiritual, sem respaldo bíblico; para ser dom espiritual, tem que provir do Espírito Santo e trazer à Igreja confirmação da pregação do Evangelho, edificação espiritual, consolação, exortação e um maior envolvimento da igreja com o Senhor e Sua obra.

- Note-se que não existe “dom de revelação”, “dom de visão” etc.; o chamado “dom de revelação”, na verdade, é o dom da palavra da ciência, mas não se confunde com adivinhações; Deus abomina a adivinhação; a revelação de fatos ocultos tem apenas o propósito de edificar a Igreja, jamais de envergonhar alguém; o chamado “dom de visão” na verdade não tem nenhum respaldo bíblico.

### **Dons de elocução:**

- Já estudamos em lições anteriores os dons de revelação (ou dons de saber), que são os dons de palavra de sabedoria, de palavra da ciência e de discernimento de espíritos; e os dons de poder (ou dons de ação), que são os dons de fé, de cura e de operação de milagres.

- Nesta lição estudaremos os 3 últimos dons, os dons de elocução (ou dons de fala), que são os dons de profecia, de variedade de línguas e de interpretação de línguas.

- Devemos lembrar que os dons listados por Paulo estão em íntima ligação com os três atributos principais de Deus: 1) os dons de revelação são evidências da onisciência divina; 2) os dons de poder são evidência da onipotência divina; e 3) os dons de elocução são evidência da onipresença divina.

- Portanto, nesta lição vamos cuidar especialmente da forma pela qual Deus manifesta a Sua onipresença no meio da igreja, pelos dons de elocução. Por meio desses dons, sentimos o descanso do Senhor, pois a Sua presença nos faz descansar (Ex. 33.14).

### **Dom de profecia:**

- A profecia é a expressão sobrenatural na língua da pessoa que fala (1Co. 14.3). É um milagre da expressão divina, não concebido pelo pensamento ou raciocínio humano (At. 3.21; 11.28; 21.11; 2Pe. 1.21; 1Co. 14.23-32). Serve para edificação, exortação e consolo (1Co. 14.3).

- Trata-se de um dom que capacita o crente a transmitir uma palavra ou revelação diretamente de Deus, sob o impulso do Espírito Santo (1Co. 14.24,25, 29-31). Portanto, não se trata da entrega de sermão previamente preparado.

- A profecia não é apenas uma previsão sobre o futuro; também pode significar a proclamação da Palavra de Deus com poder.

- No Antigo Testamento, havia um ministério profético; algumas pessoas eram chamadas para exercerem o ministério de profetas, e assim eram reconhecidas como profetas por toda a nação. No Novo Testamento não é mais assim. Embora ainda se possa falar de um dom ministerial de profeta (Ef. 4.11), tema que será tratado na lição 7, trata-se de um dom que é dado pelo Espírito Santo a quem Ele quer, no momento que Ele quer. Portanto, ninguém se pode dizer profeta hoje; alguns recebem o dom de profecia, mas não é correto se dizer profeta. Como manifestação do Espírito, a profecia está potencialmente disponível a todo cristão cheio dEle (At. 2.16-18).

- Tanto no Antigo Testamento, como no Novo Testamento, profetizar não é primariamente predizer o futuro, mas proclamar a vontade de Deus e exortar e levar o seu povo à retidão, à fidelidade e à paciência (1Co. 14.3).

- No Antigo Testamento, o profeta era julgado quanto ao cumprimento de suas profecias. Se a sua profecia não se cumprisse, era sinal de que não foi Deus quem falou por ele. E o falso profeta era punido com a morte (Dt. 13.5; 18.20,22; 1Sm. 13.19). Da mesma forma, no Novo Testamento, a profecia deve ser julgada, tanto quanto ao seu cumprimento quanto pelo seu conteúdo: só pode ser aceita como verdadeira a profecia que está de acordo com a Palavra de Deus.

- A igreja não deve ter como infalível toda profecia deste tipo, porque muitos falsos profetas estarão na igreja (1Jo. 4.1). Daí, toda profecia deve ser julgada quanto à sua autenticidade e conteúdo (1Co. 14.29, 32; 1Ts. 5.20,21). Ela deverá enquadrar-se na Palavra de Deus (1Jo. 4.1), contribuir para a santidade de vida dos ouvintes e ser transmitida por alguém que de fato vive submisso e obediente a Cristo (1Co. 12.3). A Bíblia dá exemplo de um profeta sincero que, num momento de deslize, resolveu profetizar por conta própria, tendo que se retratar em seguida por ordem divina (Natã: 2Sm. 7.1-17).

- Mas também não podemos cair no erro contrário de sufocar as profecias na igreja. É preciso julgá-las sim, pois é possível que haja falsas profecias no nosso meio (o que tem acontecido com muita frequência), mas não podemos desprezar a verdadeira profecia, nem estigmatizar toda profecia, como se todas fossem falsas. Devemos dar lugar a que o Espírito Santo se manifeste em nosso meio. Salomão chegou a dizer que, “não havendo profecia, o povo se corrompe” (Pv. 29.18).

- A profecia deve ser entregue sem nenhuma mistura. Confira-se o que Jeremias diz em Jr. 23.28: “O profeta que teve um sonho, que conte o sonho; e aquele em quem está a minha palavra, que fale a minha palavra, com verdade. Que tem a palha com o trigo? diz o SENHOR”. A palha da falsa profecia não pode ser misturada com o trigo da verdadeira. Aquele que tem uma palavra do

Senhor a transmitir deve tomar cuidado de transmitir apenas a palavra do Senhor, nada acrescentando nem criando dele próprio.

- A mensagem profética pode desmascarar a condição do coração de uma pessoa (**1Co. 14.25**), ou prover edificação, exortação, consolo, advertência e julgamento (**1Co. 14.3,26, 31**).

- O dom de profecia manifesta-se segundo a vontade de Deus e não a do homem. Não há no Novo Testamento um só texto mostrando que a igreja de então buscava revelação ou orientação por meio dos profetas. A mensagem profética ocorria na igreja somente quando Deus tomava o profeta para isso (1Co. 12.11). Portanto, não é correto que o crente viva à busca de profecias e de profetas; quando Deus quiser falar à igreja por meio de profecia, Ele o fará; não é quando nós queremos, é quando Deus quer. Tem gente por aí que usa a profecia como se fosse um amuleto, consultado para fazer qualquer coisa.

- Devemos lembrar que a forma normal de Deus falar conosco é pela Sua Palavra, a Bíblia. A profecia, ou qualquer outro meio, é forma excepcional, e deve estar de acordo com a Bíblia. Não podemos nos guiar por profecias apenas; devemos sim nos guiar pela Palavra de Deus, pela Bíblia. A profecia pode servir apenas de um complemento à Bíblia, e apenas quando estiver de acordo com Ela.

- Da mesma forma, a profecia não deve servir para guiar a igreja. A igreja é guiada pelo seu pastor, orientado pela Bíblia. Tem pastor por aí que, por ser fraco, deixa-se guiar por um profeta, que acaba ditando os rumos da igreja. Não é essa a vontade de Cristo para a Sua igreja.

- Assim como fez em relação ao dom de variedade de línguas (vide abaixo), Paulo também advertiu os coríntios sobre a necessidade de ordem no culto quanto ao uso do dom de profecia (1Co. 14.31): “Porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros, para que todos aprendam e todos sejam consolados”. Portanto, todos os dons devem ser usados com decência e ordem no culto.

### **Variedade de línguas:**

- O dom de variedade de línguas (do grego *glossa*, que significa língua) é a expressão em outras línguas que não são conhecidas por quem as fala (Is. 28.11; Mc. 16.17; At. 2.4; 10.44-48; 19.1-7; 1Co. 12.10,28-31; 13.1-3; 14.2,22,26-32).

- O fenômeno do falar em línguas, chamado de *glossolalia*, pode ocorrer em duas situações diversas, muitas vezes confundidas: a primeira é o falar em línguas estranhas como evidência do batismo com o Espírito Santo; a segunda é o dom de variedade de línguas.

- No primeiro caso (falar em línguas estranhas como evidência do batismo com o Espírito Santo), o crente que recebe o Espírito Santo fala em línguas estranhas como forma de demonstrar a todos que recebeu o batismo com o Espírito Santo, enaltecendo as grandezas de Deus (At. 2.11).

- Neste caso, pode ser que a pessoa fale em línguas apenas uma vez, quando recebe o batismo, e depois nunca mais, já que o batismo já foi evidenciado pelo ato de falar em línguas, não precisando ser evidenciado depois novamente. É, portanto, um erro se dizer que a pessoa que falou em línguas e não fala mais precisa ser renovada no Espírito Santo, ou que o Espírito Santo se afastou dela, ou que está em pecado, ou qualquer coisa assim.

- Neste caso, também, não há necessidade de interpretação de línguas; o crente falará só com Deus (1Co. 14.2,28), como forma de evidenciar a todos que recebeu o batismo com o Espírito Santo; não se trata de uma mensagem de edificação à igreja. O objetivo é impactar os infiéis, dar mostra do poder de Deus a quem ouvir. Foi neste sentido que Paulo disse que “as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis” (1Co. 14.22).

- E se não há interpretação, não há nada que impeça que todos os batizados falem ao mesmo tempo. A recomendação de Paulo contra isso não se aplica aqui, pois não há necessidade de que ninguém entenda o que estão falando.

- É curioso notar que os 5 casos de batismo com o Espírito Santo mostrados na Bíblia são diferentes entre si (At. 2.2-4 – Pentecostes; 8.15-17 – Filipe e os apóstolos em Samaria; 9.17-18 – Paulo; 10.44 – Pedro na casa de Cornélio; 19.2-6 – crentes de Éfeso). Isso significa que não há um método, não há um ritual, uma forma específica para o batismo. Por isso, não devemos nos escandalizar quando vemos alguém ser batizado em circunstâncias estranhas, diferentes do que pensamos. Há pessoas batizadas enquanto estão trabalhando, fazendo tarefas domésticas, dirigindo etc.

- Há grande divergência entre os cristãos sobre se o falar em línguas é a única evidência do batismo com o Espírito Santo. Mas nos 5 casos em que o Novo Testamento fala do batismo com o Espírito Santo, em todos eles o batismo se evidenciou com o falar em línguas estranhas. E é também assim que temos visto na prática em toda a nossa vida cristã. Isso reforça o argumento de que o batismo com o Espírito Santo é sempre evidenciado pelo falar em línguas.

- Existem duas finalidades para o dom de variedade de línguas: 1) a finalidade devocional; 2) a finalidade de edificação da igreja.

- O dom de variedade de línguas com finalidade devocional é aquele em que o espírito do homem e o Espírito de Deus entram em mútua comunhão, facultando ao crente a comunicação direta com Deus (na oração, no louvor, no bendizer e na ação de graças). Ele se expressa pelo do espírito, mais do que pela mente (1Co. 14.2,14), orando por si mesmo ou pelo próximo sob a influência direta do Espírito Santo, à parte da atividade da mente (cf. 1Co. 14.2,15,28; Jd. 20).

- Esse uso devocional do dom de variedade de línguas tem a grande vantagem de permitir que o Espírito Santo interceda por nós em situações em que não sabemos o que pedir, ou em que jamais pediríamos algo que na verdade é a vontade de Deus para nós. Nessas situações é que Ele vai interceder por nós com gemidos inexprimíveis (Rm. 8.26). Exemplo: dificilmente alguém pediria para Deus levar um filho, mas há situações em que essa é a vontade de Deus e que isso é o melhor para nós e para o filho (ex: se Deus sabe que o filho irá se perder se continuar vivo). O Espírito Santo então pode interceder nesse sentido por nós.

- O dom de variedade de línguas com finalidade devocional pode ser amplamente usado em orações individuais, em casa. Foi nesse contexto que Paulo disse que falava em línguas mais do que todos os coríntios (1Co. 14.18). Também pode ser usado na igreja, mas com cuidado, somente nos momentos em que a liturgia do culto o permita, para não causar desordem nem escandalizar os infiéis.

- Não se deve usar as línguas para aparecer na igreja, para chamar a atenção, para se dizerem mais crentes, como os coríntios faziam (e por isso foram repreendidos por Paulo). Aliás, os que assim agem são justamente os que menos oram em suas casas, são os que jamais passam horas

em oração, jamais oram de madrugada, são justamente os menos crentes, que só usam as línguas com a finalidade de aparecer, não para ter maior comunhão com Deus. Há casos até piores, em que a pessoa está falando em línguas falsas, sendo usada pelo diabo para atrapalhar a pregação, por exemplo. Neste caso, cabe a alguém que tenha o dom de discernimento de espíritos repreender o diabo.

- Já o dom de variedade de línguas para edificação da igreja deve vir acompanhado de interpretação e serve para edificação **da igreja**, não do que fala. Então, quem recebe o dom de línguas, recebe, juntamente, uma responsabilidade: orar para que possa interpretar as línguas que fala, ou que Deus levante alguém que as possa interpretar (1Co. 14.13).

- Línguas estranhas faladas no culto devem ser seguidas de sua interpretação, também pelo Espírito, para que a congregação conheça o conteúdo e o significado da mensagem (1Co. 14.3, 27,28). Ela pode conter revelação, advertência, profecia ou ensino para a igreja (cf. 1Co. 14.6).

- Deve haver ordem quanto ao falar em línguas em voz alta durante o culto. Quem fala em línguas pelo Espírito nunca fica em “êxtase” ou “fora de controle” (1Co. 14.27,28). O culto deve ser feito com ordem, sem confusão, pois Deus não é Deus de confusão (1Co. 14.33).

- Na igreja de Corinto estava havendo muita confusão, porque os crentes falavam em línguas em alto volume na igreja, sem interpretação, e vários ao mesmo tempo, por isso Paulo os advertiu a que preferissem falar na língua nativa no culto, dando preferência à profecia ou às línguas interpretadas na igreja, para que houvesse ordem e edificação no culto.

- Foi nesse contexto que Paulo chegou a ordenar às mulheres que ficassem caladas na igreja (1Co. 14.34), provavelmente porque tenham sido elas quem estivessem sendo a maior causa de desordem do culto, falando demais e desordenadamente, e perguntando demais (1Co. 14.35). Aliás, o texto de 1Co. 11.1-16 também deixa claro isso. Não se trata de machismo de Paulo, como alguns pensam, desconhecendo os motivos da sua instrução. Paulo apenas queria dar preferência à ministração da Palavra na igreja, o que seria feito pelos pastores e mestres, em relação à profecia, que estava disponível tanto a homens quanto mulheres.

- Assim como o dom de profecia deve ser julgado pela igreja, da mesma forma o dom de línguas também deve ser julgado. As línguas, assim como a profecia, deriva do Espírito Santo, mas passam pelo intelecto humano, que pode deturpar a mensagem; Deus não tira o livre arbítrio de ninguém. Então, é possível sim que as línguas sejam falsas, que sejam invenção do homem, e por isso é que a igreja deve julgar.

- Mas é bom notar que Paulo não proibiu as línguas na igreja. A solução para um erro não é outro erro. Se estava errado falarem em línguas desordenadamente na igreja, também não seria certo proibir as línguas. Paulo ensinou os coríntios a usar corretamente o dom de variedade de línguas, mas não proibiu eles de falarem em línguas. Da mesma forma, hoje, não devemos proibir as línguas na igreja; devemos apenas ensinar os irmãos a usarem o dom corretamente.

- A língua estranha falada pode ser tanto uma língua humana qualquer, que seja desconhecida do que fala, quanto uma língua espiritual, não humana, desconhecida de qualquer ser humano, que é a impropriamente chamada língua dos anjos.

- Em ambos os casos, a língua falada através deste dom não é aprendida, e quase sempre não é entendida, tanto por quem fala (1Co. 14.14), como pelos ouvintes (1Co. 14.16).

- A expressão “língua dos anjos” é imprópria, pois em nenhum momento a Bíblia diz que se trata da língua dos anjos. O único texto que fala em língua dos anjos está em 1Co. 13.1 (“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos...”), sendo que Paulo não diz que falava a língua dos anjos; ele diz “ainda que eu falasse”. Pode até ser que a língua espiritual concedida pelo Espírito Santo seja a língua dos anjos, mas não há base bíblica para afirmarmos isso.

- Quanto a falar língua humana, pouco comum na nossa prática, embora haja alguns relatos nesse sentido, a única referência bíblica para isso é o texto de At. 2.1-6, no dia de Pentecostes. Mas a Bíblia não é clara no sentido de que os apóstolos falaram a língua dos homens que os ouviram; o texto só diz que eles os ouviram falar em suas próprias línguas. Pode ser que eles tenham falado na língua deles, mas também pode ser que eles estivessem falando em língua espiritual e que eles é que tenham ouvido em sua própria língua, por milagre divino.

- O uso de línguas estranhas, não humanas, ou espirituais, tem sua primeira referência no episódio retratado por Daniel em Dn. 5, quando o rei Belsazar viu uma mão escrevendo na parede palavras que só Daniel pode interpretar (MENE, MENE, TEQUEL e PARSIM – Dn. 5.25), pelo Espírito de Deus (Dn. 5.14).

- Há quem diga que os dons de variedade de línguas e de interpretação das línguas são os menos importantes, por terem sido colocados em último lugar na lista dos 9 dons de 1Co. 12.8-10. Mas isto não é verdade, pois existem 5 listas de dons no Novo Testamento, e os dons estão em ordens diferentes em cada lista.

- Além disso, se a lista de 1Co. 12 estivesse em ordem de importância, o dom de profecia deveria estar em um dos primeiros lugares, e não em sexto, como aparece, pois Paulo deixa claro que o dom de profecia é um dos mais importantes (1Co. 14.1).

- Mas é fato que existe sim uma ordem de importância dos dons, e que o dom de variedade de línguas é um dos menos importantes nessa ordem. Paulo deixou isso claro em 1Co. 12.31 e 1Co. 14. Isso não significa que o dom de variedade de línguas não seja importante; ele é sim muito importante para a edificação pessoal do crente (1Co. 14.4) e, se usado em conjunto com o dom de interpretação de línguas, ele se torna tão importante quanto o dom de profecia.

- Também precisa ficar claro que o dom de variedade de línguas se aplica também para os nossos dias, não era um dom só para a igreja primitiva, como alguns dizem. Assim como todos os demais dons, o dom de variedade de línguas é um presente do Espírito Santo para a igreja em todos os tempos; não há nenhuma razão para dizermos que alguma disposição bíblica se aplicava apenas à igreja primitiva.

- Infelizmente a maioria das igrejas atualmente tem trocado a bênção da manifestação do Espírito Santo no culto por uma liturgia social, em que palmas e danças tomam o lugar da glorificação a Deus. Não que seja proibido bater palmas na igreja, mas há o momento próprio para isso, e sobretudo as palmas não podem substituir o momento de sincera adoração a Deus, pelo atuar do Espírito Santo no meio dos crentes.

### **Interpretação de línguas:**

- A interpretação de línguas é a habilidade sobrenatural de interpretar na língua nativa o que foi falado em outras línguas não conhecidas por aquele que as interpreta pelo Espírito (1Co. 14.5,13-15,27-28). Não se trata de mera tradução das línguas. Não é uma atividade intelectual, humana.

- O dom de interpretação é uma capacidade concedida pelo Espírito Santo, para o portador deste dom compreender e transmitir o significado de uma mensagem dada em línguas. Tal mensagem interpretada para a igreja reunida pode conter ensino sobre a adoração e a oração, ou pode ser uma profecia. Toda a congregação pode assim desfrutar dessa revelação vinda do Espírito Santo. Portanto, a interpretação deriva da mesma fonte de onde vieram as línguas: do Espírito Santo de Deus.

- A interpretação de uma mensagem em línguas pode ser um meio de edificação da congregação inteira, pois toda ela recebe a mensagem (1Co. 14.6, 13, 26). A interpretação pode vir através de quem deu a mensagem em línguas, ou de outra pessoa. Quem fala em línguas deve orar para que possa interpretá-las (1Co. 14.13).

- O dom de interpretação de línguas também deve ser julgado pela igreja, assim como o dom de profecia, já que a mensagem do Espírito Santo também passa pelo intelecto humano, que pode deturpá-la.

- O intérprete das línguas estranhas, se for pessoa diferente da que fala as línguas, não pode atropelar o que fala as línguas, devendo esperar para dar a interpretação após as línguas terem sido faladas. Quando as línguas e a interpretação provêm realmente do Espírito Santo, haverá uma sincronicidade perfeita no uso dos dois dons.

- O dom de interpretação de línguas tem muita semelhança com o dom de profecia, mas distingue-se pelo fato de que, no dom de profecia, a mensagem é dada pelo Espírito Santo diretamente ao profeta, e diretamente na sua língua comum (língua nativa do profeta). Já no dom de interpretação de línguas, a mensagem é dada indiretamente: primeiro a mensagem é dada em língua estranha, para depois ser interpretada para a língua nativa.

- Além disso, na interpretação de línguas, o que fala em línguas pode não ser a mesma pessoa que interpreta (pode haver a intervenção de duas pessoas), enquanto no dom de profecia sempre haverá uma só pessoa. Muda a forma, mas o efeito é o mesmo: a transmissão da mensagem de Deus à igreja. Paulo discutiu a relação entre a profecia e o falar em línguas e sua interpretação com mais detalhes no cap. 14.

### **Conclusão:**

- Os dons espirituais são bênçãos de Deus para a igreja. Devemos buscá-los com insistência. E devemos buscar cada vez melhores dons.

- Mas devemos lembrar que o propósito dos dons é a edificação da igreja, não o engrandecimento daquele que tem o dom.

- E, por fim, devemos também observar que os dons devem ser usados na igreja com decência e ordem, pois Deus não é Deus de confusão.

### **Texto áureo:**

#### **1 PEDRO 4**



**11 Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus; se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá, para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o poder para todo o sempre. Amém.**

- Uma das maneiras do Espírito Santo manifestar-se é através de uma variedade de dons espirituais concedidos aos crentes (1Co. 12.7-11). Essas manifestações do Espírito visam à edificação e à santificação da igreja (1Co. 12.7; 14.26). Esses dons e ministérios não são os mesmos de Rm. 12.6-8 e Ef. 4.11, mediante os quais o crente recebe poder e capacidade para servir na igreja de modo mais permanente. A lista em 1Co. 12.8-10 não é completa. Os dons aí tratados podem operar em conjunto, de diferentes maneiras.

- As manifestações do Espírito dão-se de acordo com a vontade do Espírito (1Co. 12.11), ao surgir a necessidade, e também conforme o anelo do crente na busca dos dons (1Co. 12.31; 14.1).

- Certos dons podem operar num crente de modo regular, e um crente pode receber mais de um dom para atendimento de necessidades específicas. O crente deve desejar “dons”, e não apenas um dom (1Co. 12.31; 14.1).

- É antibíblico e insensato se pensar que quem tem um dom de operação exteriorizada (mais visível) é mais espiritual do que quem tem dons de operação mais interiorizada, menos visível. Também, quando uma pessoa possui um dom espiritual, isso não significa que Deus aprova tudo quanto ela faz ou ensina. Não se deve confundir dons do Espírito, com o fruto do Espírito, o qual se relaciona mais diretamente com o caráter e a santificação do crente (Gl. 5.22,23).

- Satanás pode imitar a manifestação dos dons do Espírito, ou falsos crentes disfarçados como servos de Cristo podem fazer o mesmo (Mt. 7.21-23; 24.11, 24; 2Co. 11.13-15; 2Ts. 2.8-10). O crente não deve dar crédito a qualquer manifestação espiritual, mas deve “provar se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” (1Jo. 4.1; 1Ts. 5.20,21).

- A vida inteira é uma partilha, e os dons da bondade de Deus nos ajudam a compartilhar do que temos. Pedro aponta agora para dois meios centrais, que nos permitem compartilhar do que temos: 1. Mediante o ensino: é básico darmos aos outros o alimento espiritual. Assim os outros crescem na semelhança a Cristo, que é o alvo de toda a vida humana. Sem o ensino, esse processo é grandemente entravado, e não existirá a menos que o crente ensine a si mesmo, para compensar pela falta de ensino conferido a outros. Não foi por acidente que o ensino veio a fazer parte da Grande Comissão (Mt. 28.19-20). Essa porção da Grande Comissão, infelizmente, é negligenciada. Na Idade Média, a igreja se tornou, essencialmente, uma escola. Nos tempos modernos, porém, tornou-se pouco mais que um centro evangelizador. Precisamos de ambos os aspectos na igreja. O alvo de toda a existência é compartilhar da plenitude de Cristo, de sua natureza. Ora, isso é impossível sem a transformação moral e metafísica; e isso, por sua vez, é impossível sem a instrução cristã (ver Hb. 6.1-3; 1Tm. 4.13-16; 2Tm. 2.15 quanto à importância do ensino e do ser ensinado). 2. Em seguida o presente versículo frisa novamente a importância de contribuirmos para o bem estar dos outros com coisas materiais — a necessidade do serviço prático.

- O ensino é agora determinado, presumivelmente através do exercício do dom do ensino. O mestre cristão não fala por inspiração direta, mas é alguém dotado da habilidade especial de transmitir conhecimento espiritual; e, acima de todos os outros, é depositário das Escrituras e das realidades espirituais. Mas, embora não fale diretamente por inspiração, receberá discernimento

especial sobre o significado das doutrinas, e será capaz de transmitir o seu pensamento a outros. Naturalmente, o texto presente inclui os pronunciamentos inspirados dos profetas, além de outros pronunciamentos que envolvam dons que não o do ensino; mas o dom do ensino parece estar especialmente em vista.

- O mestre cristão, o pregador e o profeta não possuem mensagens de sua própria lavra. O que fala deve fazê-lo segundo as palavras de Deus (ou “os oráculos de Deus”, como consta em algumas traduções). Quanto a isso, consideremos os seguintes pontos: 1. Esse termo é usado para indicar os dez mandamentos ou as Escrituras do Antigo Testamento, nos escritos rabínicos e bem provável que esse seja seu significado aqui. Está particularmente em foco as Escrituras do Antigo Testamento, usadas como base e linha mestra de todo o ensinamento cristão. Se o Novo Testamento já tivesse sido terminado e canonizado, sem dúvida Pedro teria dito que o ensino deve ser guiado pelo mesmo, juntamente com o Antigo Testamento. Esta passagem mostra que Pedro considera que as Escrituras do Antigo Testamento são revelações inspiradas por Deus (comparar com 2Tm. 3.16; ver também At. 7.38; Rm. 3.2 e Hb. 5.12). 2. Com base no Novo Testamento, os oráculos de Deus, naturalmente, são sempre entendidos como as Escrituras do Antigo Testamento, interpretadas à luz do evangelho cristão. Assim sendo, até mesmo sem a existência do Novo Testamento, esses oráculos eram o “Antigo Testamento cristianizado”. Várias tradições orais, que preservavam as declarações de Jesus, e talvez alguns documentos escritos, posteriormente usados na formulação dos evangelhos, fizeram parte da cristianização do Antigo Testamento. E muitos desses documentos, pelos tempos em que foi escrita esta epístola, eram chamados “oráculos”, tomando lugar juntamente com os oráculos mais antigos. Certamente o que Jesus disse, embora ainda não tivesse tomado a forma de evangelhos escritos, era reputado igual ao Antigo Testamento, ou seja, fazia parte dos “oráculos de Deus”. 3. A palavra “oráculos” também pode significar “as declarações da antiga e da nova revelações”, incorporadas na pregação inspirada dos profetas do Novo Testamento, ou então as “declarações dos crentes dotados do carisma da Palavra”, a fim de poderem proferir a Palavra de Deus com poder. Nesse caso, no presente versículo estão mais em foco os profetas do que os mestres cristãos.

- “Ministra”, no original grego, é *choregeo*, que originalmente significa “liderar um coro”, ou então “pagar as despesas para o treinamento de um coro”. Posteriormente veio a significar o custeio de qualquer empreendimento, ou seja, o suprimento de algo, para benefício de outrem. A ideia é que nos convém servir nas coisas materiais, contribuindo liberalmente e sem queixumes, porquanto Deus também supre liberalmente as nossas necessidades. Nosso serviço deve ser liberal e sem murmúrios, tal como o são os dons de Deus. Seu suprimento é visto como a força mediante a qual servimos ao próximo. Ele nos fortaleceu grandemente, pelo que tudo posso por meio de Cristo. O serviço ao próximo só é aceitável se for abundante, pois, de outro modo, estaremos sugerindo que Deus nos deu pouca força para usá-la em favor de nossos semelhantes.

“...para que em todas as cousas seja Deus glorificado...” As palavras de Pedro assumem agora a forma de uma doxologia. Consideremos os três pontos seguintes: 1. Deus é “glorificado” quando recebe o crédito da parte do mestre cristão, que diz: “é a Palavra de Deus que prego, e não a minha própria; ensino pelo poder do Espírito Santo”. Deus também é glorificado quando recebe o crédito da parte daquele que contribui e declara: “Dou porque Deus primeiramente me deu, além de ter-me conferido o desejo de compartilhar disso com outros”. Assim se percebe que todo o dom perfeito e bom vem da parte de Deus, embora possa ser mediado através de mordomos humanas. 2. Outrossim, o tipo certo de pregação e de ensino, como também de serviço caridoso, por si mesmo servirá de ilustração da natureza graciosa do Senhor, ficando assim exaltados a sua bondade e o seu amor. 3. Além dessas ações, dado o fato de terem sido inspiradas pelo Espírito Santo, devemos considerar que isso nos transforma a natureza moral, beneficiando igualmente o beneficiário de nossos atos e dádivas. Dessa maneira, algumas pessoas virão a compartilhar da

natureza de Cristo, e isso redundará na glória de Deus, porquanto ele receberá a glória da parte de muitos de seus “filhos”. (Ver Heb. 2:10).

“...por meio de Jesus Cristo...” Em que sentido? 1. Porque tudo quanto o crente é e faz, é em Cristo, mediante quem lhe fluem todas as bênçãos espirituais (ver Efé. 1:3). 2. Porque Deus trata com os homens por meio de Cristo, que é o arquétipo e o alvo de toda a existência humana (ver II Cor. 3:18 e Efé. 1:23). 3. Porque quando os homens são transformados segundo a imagem de Cristo, é então que recebem plenamente a natureza de filhos e glorificam apropriadamente a Deus, tornando-se sua “plenitude” (ver Efé. 3:19), dotados do mesmo tipo de vida que Deus possui (ver João 5:25.26 e 6:57). 4. No caso da bênção apostólica, a glória é dada a Deus por meio de Cristo, pois ele é o mediador da glória de Deus, até onde concerne aos homens, segundo nos mostra o primeiro capítulo da epístola aos Efésios (mas essa passagem também inclui a própria criação com todos os seres inteligentes, incluindo os anjos). ( Ver Deus glorificado por meio de Cristo, nas bênçãos apostólicas encontradas em Rom. 16:27 e Jud. 25).

“...a quem ...” Provavelmente está em foco “a Cristo”, por ser ele a última pessoa a ter sido mencionada.

“...gloria e domínio...” Porque o Filho, sendo o arquétipo de toda a vida, merece a mesma glória dada ao Pai. Portanto, os homens devem glorificá-lo tanto em suas “palavras” como em sua “conduta”, e é isso, exatamente, que os remidos estão fazendo e farão. Quando os homens realizam as obras de Deus nos lugares celestiais, o Filho é honrado pelos seus esforços. O mesmo deveria suceder agora mesmo, pois o alvo da existência na eternidade será o mesmo que agora faz os homens retornarem a Deus. Cristo “...nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém” (Apo. 1:6).

“...pelos séculos dos séculos...” Fórmula grega comum para indicar “eternidade”, mas que os tradutores e revisores preferiram transliterar. No grego, há diversas maneiras de expressar a eternidade, e essa fórmula é a mais elaborada de todas. A eternidade é vista como uma sucessão interminável de eras; e é bem possível que assim realmente seja, embora a própria expressão seja humana. Em outras palavras, sabemos o que é um *século*, ou o que é uma “era”. Normalmente as “eras” envolvem uma espécie de “ciclos”, cada qual dotado de um caráter específico. For conseguinte, supomos que a eternidade envolverá uma série interminável de ciclos ou eras; haverá muitas e grandes coisas revolucionárias. Mas, sem importar o que traga a eternidade, viveremos em Cristo e por meio dele, pois ele é “tudo para todos”, de acordo com o que se aprende em Efé. 1:23.

As doxologias tem uma função toda especial nas páginas do N.T., a saber: 1. Assinalam o fim de uma secção, conferindo-lhe uma aura de elevação. 2. Marcam o despertar de sentimentos piedosos por parte do escritor sagrado e salientam certos pensamentos importantes. Uma discussão sobre o uso das doxologias no N.T. aparece em Efé. 3:21. (Quanto às diversas “fórmulas que expressam o conceito de eternidade”, no idioma grego, ver as notas expositivas em Efé. 3:21).

“...Amem ...” Quando aparece no fim dos livros do N.T., o “Amém” litúrgico geralmente não é genuíno. Neste caso, entretanto, é genuíno e faz parte do texto sagrado. Significa: 1. “Assim seja”, como uma ordem. 2. “Assim e, na verdade”, como confirmação da veracidade do que foi dito imediatamente antes. O uso do “Amém” foi tomado por empréstimo da sinagoga. Seu uso é frequente nas páginas do A.T. (Ver I Crô. 16:36; II Esdras 15:13; Ncc. 5:13; 8 :6 , etc ., onde é também empregado em doxologias). Esse vocábulo ocorre por cento e cinquenta e duas vezes no N.T. (Quanto ao uso que Jesus fez da palavra “Amém”, ver João 1:51. Quanto a esse termo como título de Cristo, ver Apo. 3:14 nas suas notas expositivas).

O sentido básico do termo *Amem*, no hebraico , é “certamente”. Consideremos os pontos seguintes: 1. Era usado para reconhecer a “validade” de algum juramento ou maldição, em que alguém se propunha a aceitar suas consequências (ver Núm. 5:22 e Deut. 27:15). 2. Era usado para acolher um anúncio ou predição boa (ver I Reis 1:36 e Jer. 28:6). 3. Era usado como expressão de acordo com o que outro declarava, ou como parte de uma doxologia (ver I Crô.

16:36 e Sal. 41:13). Foi esse o uso que passou da sinagoga para a adoração na igreja cristã. Cristo, na qualidade de “Amém”, é a confirmação positiva de todo o bem que Deus pode e quer fazer pelo homem, e, ao mesmo tempo é a confissão da “validade” do tato que Deus falou por meio dele.

*Doxologias no N.T.:* Gál. 1:5; Rom. 9:5; 11:36; 16:25-27; Fil. 4:20; Efé. 3:21; 1 Tim. 1:17; 6:16; II Tim. 4 :1 8 ; Heb. 13:21; Apo. 1:6; 5:13; 7:12. Na\* epístolas de Pedro: I Ped. 5:11 e II Ped. 3:18. O “Amém” usado no presente texto é essencialmente dirigido a Cristo, como também se dá nos casos de II Tim. 4:18; II Ped. 3:18 e Apo. 1:6.

### **Texto da leitura bíblica em classe:**

## **1 CORÍNTIOS 12**

### **7 Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil.**

- Deus é um Deus de propósito; Ele não faz nada sem propósito, sem motivação; e muito menos com propósitos ruins. Seus propósitos são sempre bons. Portanto, não é sem propósito que Deus dá os dons aos crentes, e muito menos com maus propósitos. A distribuição de dons na igreja é sempre com os melhores propósitos. Lembremos de Salomão, que disse que “há tempo para todo o propósito debaixo do céu” (Ec. 3.1).

- Demonstrações do “poder de Deus” sem nenhum propósito divino não são verdadeiras derivações dos dons espirituais. A transformação de um dente em dente de ouro, por exemplo, ou a unção do “cai-cai”, ou o “cair no Espírito”, ou a “risada santa”, ou qualquer outra “neobobagem pentecostal” não demonstram qualquer propósito divino, servindo tão somente para o engrandecimento de uma ou outra pessoa, normalmente acompanhado de algum interesse financeiro. Se não há propósito divino (se não promove a unidade do povo de Deus ou seu crescimento espiritual), não é dom do Espírito.

- Ao constatar o mau uso dos dons espirituais na igreja de Corinto, Paulo fez questão de dar o ensino que deu sobre o assunto nos capítulos 12 a 14 de 1Co. Imaginem se Paulo vivesse hoje em nosso meio e visse tanta bobagem sendo chamada de dom espiritual por aí!

- Os dons espirituais devem ser úteis à obra de Deus (1Co. 12.7: “Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para o que for útil”). Portanto, o propósito dos dons espirituais é edificar e unir a igreja, fortalecendo-a. E mais adiante Paulo deixa o propósito de edificação da igreja: “Assim, também vós, como desejais dons espirituais, procurai sobejar neles, para a edificação da igreja” (1Co. 14.12).

- Paulo ainda reforça em 1Co. 14.26: “Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. **Faça-se tudo para edificação**”. Os dons são presentes de Deus para nós, mas não para quem os recebe propriamente, e sim para a igreja como um todo.

- Não há manifestação genuína do Espírito Santo que não sirva para o bem da igreja, que não faça a igreja se aproximar ainda mais do Senhor Jesus, que não faça a igreja glorificá-IO, aprender dEle, lembrar daquilo que Ele nos ensinou, nos fazer trilhar pelo caminho da verdade.

- Lembremos que a primeira manifestação dos dons espirituais na igreja, que foi a cura do coxo na Porta Formosa do templo de Jerusalém (At. 3), trouxe como resultado a conversão de cerca de

2.000 almas (quase duplicou o número de membros – At. 2.41; 4.4), bem como o renovo espiritual de toda a igreja em Jerusalém, com o revestimento de poder daqueles que haviam crido após o dia de Pentecostes, que resultou num maior impulso à evangelização (At. 4.31).

- Quando resulta de um propósito divino, os dons espirituais surgem sempre sob a perspectiva do serviço. Como os dons são dados pelo Senhor aos Seus servos, eles somente podem ser exercidos para fins de serviço.

- Falar de propósito de Deus é falar daquilo que Ele determinou fazer, aquilo que Ele escolheu fazer e revelar aos Seus servos. Neste propósito estabelecido por Ele encontra-se a diversidade de dons, ministérios e operações, como Paulo diz em 1Co. 12.4-6 (“Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo. E há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. E há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos”), pois Ele quis formar um só corpo (Ef. 4.4), já que há um só Espírito, um só Senhor e um só Deus (Ef. 4.5-6), mas uma unidade que demonstra a Sua infinitude. Por isso, em meio a essa unidade, existe uma multiplicidade de membros (à semelhança do corpo humano, que é um, mas com multiplicidade de membros e órgãos).

- Essa diversidade já começa na própria existência de atividades distintas: dons, ministérios e operações. Os dons, a cargo do Espírito Santo (1Co. 12.4); os ministérios, a cargo do Senhor Jesus (1Co. 12.5); e as operações, a cargo do Pai (1Co. 12.6). Deus é um Deus Trino, portanto, é um só Deus, mas em três Pessoas, reedita na igreja essa unidade com diversidade: é um só corpo, com várias funções.

### **10 e a outro, a operação de maravilhas; e a outro, a profecia; e a outro, o dom de discernir os espíritos; e a outro, a variedade de línguas; e a outro, a interpretação das línguas.**

- Em 1Co 12.8-10, o apóstolo Paulo apresenta uma diversidade de dons que o Espírito Santo concede aos crentes. Nesta passagem, ele não descreve as características desses dons, mas noutros trechos das Escrituras temos ensino sobre os mesmos.

- Os seis primeiros tipos de dons, dos 9 que compõem a lista de Paulo, já foram estudados em lições anteriores. Vamos aqui mencionar apenas os que constam neste versículo, com ênfase aos três últimos da lista, que são objeto desta lição.

- O **dom de operação de maravilhas** é o poder sobrenatural de intervir no curso normal da natureza e contrariar as leis naturais, se necessário (1Co. 12.10,27-31; Hb. 2.3-4; Sl. 107; Ex. 7.10-14.21; 2Rs. 4.1-44; 6.1-7; Mt. 17.20; Mc. 9.23; 11.22-24; Jo. 14.12).

- Trata-se de atos sobrenaturais de poder, que intervêm nas leis da natureza. Incluem atos divinos em que se manifesta o reino de Deus contra Satanás e os espíritos malignos (ver Jo. 6.2).

- A **profecia** é a expressão sobrenatural na língua nativa (1Co. 14.3). É um milagre da expressão divina, não concebido pelo pensamento ou raciocínio humano (At. 3.21; 11.28; 21.11; 2Pe. 1.21; 1Co. 14.23-32). Inclui falar com os homens para edificação, exortação e consolo (1Co. 14.3).

- A profecia não é apenas uma previsão sobre o futuro; também pode significar a proclamação da Palavra de Deus com poder. Paulo discutiu o falar em línguas e sua interpretação com mais detalhes no cap. 14. Não importa quais dons uma pessoa tenha, todos são dados pelo Espírito

Santo. Somos responsáveis por usar e aprimorar nossos dons, mas não podemos receber nenhum mérito por aquilo que Deus nos deu gratuitamente.

- É preciso distinguir a profecia aqui mencionada, como manifestação momentânea do Espírito, da profecia como dom ministerial na igreja, mencionado em Ef 4.11. Como dom de ministério, a profecia é concedida a apenas alguns crentes, os quais servem na igreja como ministros profetas. Como manifestação do Espírito, a profecia está potencialmente disponível a todo cristão cheio do Espírito (At. 2.16-18).

- Quanto à profecia, como manifestação do Espírito, observe o seguinte: (a) Trata-se de um dom que capacita o crente a transmitir uma palavra ou revelação diretamente de Deus, sob o impulso do Espírito Santo (1Co. 14.24,25, 29-31). Aqui, não se trata da entrega de sermão previamente preparado. (b) Tanto no Antigo Testamento, como no Novo Testamento, profetizar não é primariamente predizer o futuro, mas proclamar a vontade de Deus e exortar e levar o seu povo à retidão, à fidelidade e à paciência (1Co. 14.3). (c) A mensagem profética pode desmascarar a condição do coração de uma pessoa (1Co. 14.25), ou prover edificação, exortação, consolo, advertência e julgamento (1Co. 14.3, 25,26, 31). (d) A igreja não deve ter como infalível toda profecia deste tipo, porque muitos falsos profetas estarão na igreja (1Jo. 4.1). Daí, toda profecia deve ser julgada quanto à sua autenticidade e conteúdo (1Co. 14.29, 32; 1Ts. 5.20,21). Ela deverá enquadrar-se na Palavra de Deus (1Jo. 4.1), contribuir para a santidade de vida dos ouvintes e ser transmitida por alguém que de fato vive submisso e obediente a Cristo (1Co. 12.3). (e) O dom de profecia manifesta-se segundo a vontade de Deus e não a do homem. Não há no Novo Testamento um só texto mostrando que a igreja de então buscava revelação ou orientação por meio dos profetas. A mensagem profética ocorria na igreja somente quando Deus tomava o profeta para isso (1Co. 12.11).

- **O dom de discernimento dos espíritos** é a revelação sobrenatural, ou percepção da esfera dos espíritos, para detectar os espíritos e seus planos e para ler a mente dos homens (Mt. 9.4; Lc. 13.16; Jo. 2.25; At. 13.9-10; 16.16; 1Tm. 4.1-4; 1Jo. 4.16).

- Discernir é distinguir, estabelecer diferença. Este dom serve para que não sejamos enganados por espíritos malignos ou carnisais. É um dos dons de maior valia para a igreja de nossos dias, em razão da distorção do cristianismo nos últimos dias (1Tm. 4.1). João advertiu para que não crêssemos em qualquer espírito (1Jo. 4.1-3). Exemplos de aplicação deste dom: Paulo, no episódio da jovem de Filipos (At. 16.18); Paulo, quanto a Elimas (At. 13.11). Não se trata de um dom de julgar ou fazer mau juízo de outras pessoas, nem de ler pensamentos; é discernir os espíritos. Também não é um dom para identificação dos demônios; não nos interessa a identidade dos demônios; temos que simplesmente expulsá-los em nome de Jesus.

- Trata-se de uma dotação especial dada pelo Espírito, para o portador do dom discernir e julgar corretamente as profecias e distinguir se uma mensagem provém do Espírito Santo ou não (ver 1Co. 14.29; 1Jo. 4.1). No fim dos tempos, quando os falsos mestres (ver Mt. 24.5) e a distorção do cristianismo bíblico aumentarem muito (ver 1Tm. 4.1), esse dom espiritual será extremamente importante para a igreja.

- **O dom de variedade de línguas** é a expressão em outras línguas que não são conhecidas por quem as fala (Is. 28.11; Mc. 16.17; At. 2.4; 10.44-48; 19.1-7; 1Co. 12.10,28-31; 13.1-3; 14.2,22,26-32).

- No tocante às “línguas” (do grego *glossa*, que significa língua) como manifestação sobrenatural do Espírito, notemos os seguintes fatos: (a) Essas línguas podem ser humanas e vivas (At. 2.4-6),

ou uma língua desconhecida na terra. A língua falada através deste dom não é aprendida, e quase sempre não é entendida, tanto por quem fala (1Co. 14.14), como pelos ouvintes (1Co. 14.16). (b) O falar noutras línguas como dom abrange o espírito do homem e o Espírito de Deus, que entrando em mútua comunhão, faculta ao crente a comunicação direta com Deus (na oração, no louvor, no bendizer e na ação de graças), expressando-se através do espírito mais do que da mente (1Co. 14.2, 14) e orando por si mesmo ou pelo próximo sob a influência direta do Espírito Santo, à parte da atividade da mente (cf. 1Co. 14.2, 15, 28; Jd 20). (c) Línguas estranhas faladas no culto devem ser seguidas de sua interpretação, também pelo Espírito, para que a congregação conheça o conteúdo e o significado da mensagem (1Co. 14.3, 27,28). Ela pode conter revelação, advertência, profecia ou ensino para a igreja (cf. 1Co. 14.6). (d) Deve haver ordem quanto ao falar em línguas em voz alta durante o culto. Quem fala em línguas pelo Espírito nunca fica em “êxtase” ou “fora de controle” (1Co. 14.27,28).

- A **interpretação de línguas** é a habilidade sobrenatural de interpretar na língua nativa o que foi falado em outras línguas não conhecidas por aquele que as interpreta pelo Espírito (1Co. 14.5,13-15,27-28).

- Trata-se da capacidade concedida pelo Espírito Santo, para o portador deste dom compreender e transmitir o significado de uma mensagem dada em línguas. Tal mensagem interpretada para a igreja reunida pode conter ensino sobre a adoração e a oração, ou pode ser uma profecia. Toda a congregação pode assim desfrutar dessa revelação vinda do Espírito Santo. A interpretação de uma mensagem em línguas pode ser um meio de edificação da congregação inteira, pois toda ela recebe a mensagem (1Co. 14.6, 13, 26). A interpretação pode vir através de quem deu a mensagem em línguas, ou de outra pessoa. Quem fala em línguas deve orar para que possa interpretá-las (1Co. 14.13).

- O autor dos livros mórmons Ômni (1.25) e Alma (9.21) insta com o povo e o rei para que acreditem no dom de línguas e no dom de interpretação de línguas. Ocorre que esses livros foram elaborados, respectivamente, em 323-130 a.C. e 83 a.C. Como poderiam existir tais dons nessa época, se a Bíblia diz que o Espírito Santo e esses dois dons foram concedidos somente no dia de Pentecostes, em 33 d.C.? É importante esclarecer ainda que esses dois dons são exclusivos da época neotestamentária. Todos os demais dons do Espírito se encontram de maneira esporádica no Antigo Testamento, menos esses dois, o que torna impossível, bíblicamente falando, a afirmação dos livros mórmons.

## **11 Mas um só e o mesmo Espírito opera todas essas coisas, repartindo particularmente a cada um como quer.**

- A palavra “opera” vem do verbo grego *energeo*, que significa operar, trabalhar, produzir, efetuar. É a causa eficaz única, o Espírito de Deus, quem “efetua” todos os dons espirituais. Nada vem do homem, e o homem não serve de causa secundária. Essa é a mesma palavra usada acerca de Deus Pai, no v. 6 deste capítulo; e a mensagem geral é a mesma que aquela bem enfatizada no caso dos três nomes divinos, nos vv. 4 a 6 deste capítulo.

- Há diversidade na operação dos dons espirituais; mas nem mesmo essa diversidade serve de sinal de desunião, visto ser tudo provocado pela mesma e única Causa. Na grande Causa todos esses dons são unidos como se fossem um só, um único efeito; portanto, a unidade essencial e preservada. O exercício dos dons espirituais, pois, não pode servir de base para divisões na igreja, na forma de adoração a “heróis”, na forma de criação de facções etc., porquanto somente o Senhor Jesus deve ser glorificado, não podendo tal glorificação ser atribuída a ninguém mais, a

despeito da magnitude dos dons espirituais que alguém usa. Por semelhante modo, um dom espiritual não pode ser exaltado em detrimento de outro, visto que todos cooperam juntamente para a glória do mesmo Senhor, bem como visam o benefício da comunidade inteira.

- Outrossim, nenhum indivíduo é a causa de seus próprios dons espirituais. Todos eles lhe foram dados; por conseguinte, não há motivo algum de jactância. Com isso se pode comparar o trecho de 1Co. 4.7, que diz: “Porque quem te diferencia? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias como se não o houveras recebido?”. E esse tipo de glorificação humana, tanto do próprio eu como de outras personalidades, paralelamente à degradação de outros crentes não tão favorecidos, que Paulo procurava corrigir; visto que a possessão e o uso dos dons eram a principal razão da altivez de espírito que se tornara tão evidente em Corinto.

- A palavra “coisas” (no grego, *panta*) ocupa posição enfática. O Espírito Santo é quem faz “todas as coisas”. Por conseguinte, toda a glória seja atribuída ao Espírito Santo, e ao Senhor, a quem ele representa.

- Essa fonte originária é o Espírito de Deus. Assim sendo, não há qualquer contradição entre os versículos 6 e 10. O que Deus opera, o Espírito igualmente opera. E nem há qualquer contradição entre os versículos 10 e 31. Nosso anelo intenso pelos melhores dons e uma das coisas que nos capacita a recebê-los, e cada indivíduo recebe-os de conformidade com a intensidade do seu desejo que pode ser cultivado. O Espírito Santo é quem conhece a capacidade de cada crente (ver 1Co. 3.8; 4.7 e 15.23).

- Novamente, em notável contraste com a grande variedade de dons espirituais, é reiterada aqui a fonte comum de todos eles, e de forma enfática. Os crentes de Corinto davam valores diversos a esses dons, segundo a variedade de operação dos mesmos. O apóstolo calcula que o seu valor comum procedia do único Espírito, distribuído segundo a sua vontade. Aqueles que valorizavam os homens para mais ou para menos, segundo esses diversos dons, na realidade, inconscientemente criticavam do doador dos mesmos.

- Glorificar-se alguém em um dom espiritual, com a finalidade de degradar a outros que possuiriam dons supostamente inferiores, é realmente criticar e pôr em dúvida a sabedoria do doador de todos os dons espirituais, porquanto todos esses dons foram ordenados e realizados por vontade do Espírito de Deus.

- Essa atitude do Espírito de repartir os dons é enfatizada pelo escritor aos hebreus: “testificando também Deus com eles, por sinais, e milagres, e várias maravilhas, e dons do Espírito Santo, distribuídos por sua vontade” (Hb. 2.4).

- A expressão “particularmente” pode também ser entendida como “individualmente”. Ou seja, o Espírito reparte os dons individualmente na igreja, dando a cada membro um ou mais dons, que podem não ser dados a outros membros, para que o membro que o recebeu use-o em benefício da coletividade.

- Na execução de sua vontade, o Espírito Santo trata de cada crente individual e apropriadamente. Isso reflete o teísmo, típico do ensino neotestamentário sobre Deus, em contraste com a ideia errônea do deísmo. O deísmo ensina que existe um poder supremo, mas que não mantém interesse algum pela sua criação e nem tem contatos com a mesma, não punindo e nem recompensando as criaturas morais. Em contraste com essa ideia, o teísmo ensina que Deus continua interessado por sua criação, guiando, recompensando ou punindo. Sim, o Espírito



Santo determina e age, não arbitrariamente, mas de conformidade com o que cada qual é capaz, deseja e merece, para ser feito no seio da igreja.

- Este versículo, que vincula o Espírito Santo a Deus (ver também o v. 6), defende indiretamente a divindade do Espírito. E a ênfase que recai sobre a sua vontade também demonstra a sua personalidade. O Espírito Santo não é apenas uma mera influência.

## **12 Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, são um só corpo, assim é Cristo também.**

- Ao desejar ilustrar o princípio da unidade na diversidade, com o qual vinha se ocupando nesta discussão acerca dos dons espirituais, Paulo se volta agora para a figura ilustrativa do corpo humano. Um corpo humano possui muitos membros, e cada um desses membros tem a sua respectiva função. Todas essas funções visam fazer o corpo funcionar harmoniosamente, e tudo contribui em parte para o bem-estar do corpo. Paulo não diz, como se fora uma aplicação: “Assim também sucede à igreja”; mas disse algo equivalente, embora expresso de maneira diferente: “Assim é Cristo também”. Logo em seguida somos informados que a igreja “é” o corpo místico de Cristo.

- Em Rm. 12.4,5 temos visto essa mesma forma simbólica, e igualmente em conexão com a questão dos dons espirituais. Em Cl. 1.18 e 2.19 encontramos a adição da ideia que Cristo é o “cabeça” e que a igreja é o “corpo”. Isso preserva o caráter único e essencial da dignidade de Cristo. Porquanto os membros do seu corpo místico estão destinados a participar da “mesma natureza” do Cabeça (ver Rm. 8.29).

- Dentro da participação da mesma natureza e da comunhão mística que há entre o cabeça e os membros (ver Gl. 2.20, que diz: “...já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim...”), Paulo não cria qualquer panteísmo, e nem faz ele de Cristo um demônio que se apossa das pessoas. Por semelhante modo, não devemos esperar o paralelismo ao seu ensinamento no *aeon* dos gnósticos, que seria um ser superior que se “incorpora” nos outros e os redime em si mesmo. Permanece de pé a distinção de personalidade e de ser, embora a unidade de natureza, tal como todos os membros do corpo compõem um corpo humano, embora cada qual seja distinto em suas respectivas operações. Naturalmente, essa ilustração envolve certa fraqueza, visto que a inteligência permeia todas as porções do corpo místico de Cristo, não sendo possuída apenas pelo Cabeça. Contudo, sabemos que todas as células individuais do corpo possuem inteligência, e que muitas funções não dependem apenas do cérebro. Contudo, essas considerações científicas ultrapassam em muito aos propósitos ilustrativos da figura simbólica usada por Paulo, ainda que tais fatos científicos pudessem ter sido conhecidos por ele. Todos os dons espirituais operam dentro do corpo de Cristo, e visam edificar o mesmo. Por conseguinte, há certa “identidade funcional” do Espírito e do Cristo ressurreto (ver também o trecho de 1Co. 3.17,18).

- Nem todos os homens são iguais, incluindo aqueles que fazem parte do corpo de Cristo; e nem todos os seus membros têm igual importância. Mas todos os dons espirituais operantes são importantes, e todos os membros do corpo são necessários. Além disso, há certa interdependência entre todos os membros, e a saúde e o bem-estar do corpo dependem da saúde e da função apropriada de todos os seus membros. Por essa razão é que deve haver unidade em um serviço amoroso, e não a exaltação de um dos membros em detrimento dos demais.

- A frase final do versículo (“assim é Cristo também”) significa que Cristo é o cabeça de um corpo espiritual, tal como o corpo físico tem uma cabeça que governa os seus membros. Tal

como os membros do corpo físico necessariamente participam da mesma natureza e união de que a cabeça participa, assim também sucede a Cristo e seu corpo. Existe participação na mesma natureza, e não meramente diversidade de funções dentro das dimensões espirituais (ver 2Co. 3.18 quanto a esse conceito, como também Cl. 2.10).

- Segundo o apóstolo via as coisas, Cristo é o arquétipo de uma nova e glorificada humanidade, conforme a mesma se desenvolve na igreja. Portanto, o desenvolvimento da igreja cristã não é menos do que o progressivo desenvolvimento da imagem de Cristo.

- Findlay disse que “a diferenciação é a essência da vida corporal”. E essas palavras podem ser aplicadas igualmente ao corpo de Cristo. Não obstante, a origem de toda a vida é Cristo, que recebeu, da parte de Deus Pai, a vida necessária e independente, na qualidade de cabeça federal da raça, a fim de que, por sua vez, Cristo pudesse conferi-la a todos quantos nele confiam. (quanto a esses conceitos, ver os trechos de Jo. 5.25,26 e 6.57).

## **1 CORÍNTIOS 14**

**26 Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação.**

- O propósito principal de todos os dons espirituais é edificar a igreja e o indivíduo (1Co. 14. 3,4,12,17,26). “Edificar”, do grego *oikodomeo*, significa fortalecer e promover a vida espiritual, a maturidade e o caráter santo dos crentes. Essa edificação é uma obra do Espírito Santo através dos dons espirituais, pelos quais os crentes são espiritualmente transformados mais e mais para que não se conformem com este mundo (Rm. 12.2-8), mas edificados na santificação, no amor a Deus, no bem-estar do próximo, na pureza de coração, numa boa consciência e numa fé sincera (ver 1Co. 13; Rm. 8.13; 14.1-4,26; Gl. 5.16-26; Ef. 2.19-22; 4.11-16; Cl. 3.16; 1Ts. 5.11; Jd. 20; 1Tm. 1.5).

**27 E, se alguém falar língua estranha, faça-se isso por dois ou, quando muito, três, e por sua vez, e haja intérprete.**

- No uso dos dons espirituais, deve haver ordem e equilíbrio. As diretrizes bíblicas para falar em línguas em voz alta na igreja são: (1) Numa só reunião não deve haver mais do que dois ou três que falem, orem, ou louvem em línguas, e isto somente com interpretação. (2) Falar em línguas deve ser feito por uma pessoa de cada vez. (3) Toda enunciação em línguas deve ser julgada pela igreja, quanto à sua autenticidade. (4) Não havendo ninguém presente com o dom de interpretar, o crente pode, em silêncio, falar em línguas em oração pessoal dirigida a Deus.

**28 Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja e fale consigo mesmo e com Deus.**

- A menos que esteja presente um intérprete, as línguas não devem ser usadas na igreja. Isso não impediria o largo uso desse dom, em casa; pois, nesse caso, a alma do crente pode ser edificada, e Deus pode ser glorificado, mesmo que a mente nada aproveite em seu entendimento. Mas, visto que a edificação é a razão mesma pela qual os dons espirituais existem na igreja, as línguas devem ser limitadas a fim de atender a essa exigência; e só poderão fazê-lo quando acompanhadas de interpretação.

- Não há que duvidar que essa era a instrução mais difícil de ser obedecida que Paulo apresentou aos coríntios; certamente foi difícil eles abafarem suas atitudes de vanglória no uso desse dom, a fim de obedecerem às injunções apostólicas, em qualquer aspecto dessas instruções.

- No original grego, a gramática é um pouco obscura aqui, parecendo dar a entender que o intérprete deve manter-se calado; mas devemos compreender aqui a existência de um sujeito oculto, na frase. Assim sendo, o que se entende da frase grega é que, não havendo intérprete, “aquele que fala em línguas” deve permanecer calado.

- Na expressão “fale consigo mesmo”, no original grego, encontramos uma expressão enfática. O crente fala apenas para “si mesmo”, comungando com o Senhor em seu coração, como que em êxtase, sem a necessidade da presença de um intérprete. Mas essa “comunhão” não deve ocorrer nos cultos públicos, como se um indivíduo, arrebatado em êxtase, se separasse do resto da congregação para ter o seu culto particular. Antes, tal exercício deve ser feito somente em casa. Embora outra coisa possa ser compreendida, essa é a única forma de instrução que faz sentido. Os cultos públicos visam a edificação da congregação inteira, e com essa finalidade é que devem ser efetuados. Essa mesma forma de falar em línguas, em voz alta, para o próprio indivíduo, faz parte inerente do significado do próprio verbo, que significa “falar audivelmente”, ou, pelo menos, esse é o seu sentido quase exclusivo. No dizer de Findlay: “A instrução de falar no coração, sem ruído, seria contrária ao sentido do verbo *lalein* (falar), e, de fato, contrário à natureza de uma língua”.

### **29 E falem dois ou três profetas, e os outros julguem.**

- Toda profecia deve ser avaliada quanto ao seu conteúdo. Isso demonstra que a profecia nos tempos do Novo Testamento não era infalível, sendo passível de correção.

- Às vezes, a profecia e o falar em línguas não procediam de Deus (cf. 1Jo. 4.1). Até mesmo os espíritos malignos conseguem agir na congregação através de falsos mestres ou falsos profetas aí presentes. O profetizar, o falar em línguas estranhas ou a possessão de algum dom sobrenatural não é garantia de que alguém é um genuíno profeta ou crente, pois os dons espirituais podem ser falsificados por Satanás (Mt. 24.24; 2Ts. 2.9-12; Ap. 13.13,14).

- Se a igreja não julga com decência e ordem (v.40) as profecias, ela deixou de seguir as diretrizes bíblicas. Note, também, que a profecia não era algo como um impulso incontrolável do Espírito, pois apenas um profeta podia falar de cada vez (vv. 30-32).

- Qual deve ser a atitude da igreja para com as mensagens proféticas? (a) Todas as profecias devem ser testadas segundo o padrão da doutrina bíblica (cf. Dt. 13.1-3). Isso significa que os crentes devem ficar atentos ao seu cumprimento (cf. Dt. 18.22), e atentos também no caso dela não se cumprir. (b) Se a palavra profética é uma exortação, a congregação precisa perguntar: “O que devemos fazer para obedecermos à vontade do Espírito?”

### **30 Mas, se a outro, que estiver assentado, for revelada alguma coisa, cale-se o primeiro.**

- Dois profetas não podem falar ao mesmo tempo, da mesma maneira que duas pessoas que falam em línguas não podem fazê-lo ao mesmo tempo. Se alguma revelação urgente for conferida a um crente que esteja assentado, a urgência da mensagem dá a este segundo a precedência sobre aquele que já está com o uso da palavra; então o segundo pode falar, mas

somente depois que o primeiro calar-se, tendo sido naturalmente avisado que algum outro acabara de receber uma revelação.

- É evidente que Paulo reputava tais casos como relativamente raros, embora aqui faça provisão para os mesmos. Essa própria provisão, naturalmente, mostra-nos como a profecia pode revestir-se de uma natureza extremamente espontânea, em que importantes verdades podem ser reveladas sem meditação anterior, ou mesmo sem expectativas de qualquer espécie.

- Parece-nos que Paulo cria que o Espírito de Deus procurasse expressar-se através de dois profetas ao mesmo tempo; e mesmo que porventura isso acontecesse, a mensagem de um deles seria mais urgente que a de outro; portanto, aquele que tivesse a mensagem menos urgente, ou a mensagem imediatamente menos inspirada, deveria ceder lugar ao que estivesse mais intensamente inspirado no momento. É interessante que nessas questões não ha nenhum moderador; somente o bom senso dos próprios profetas é que deve entrar em cena, a fim de suprir a moderação e a ordem necessárias.

- Tal como no caso do dom de línguas, o apóstolo dos gentios compreendia que a razão e a inteligência podem e devem governar o uso dos dons espirituais na igreja. Ele não simpatizava com a reivindicação, sem dúvida reclamada por alguns que eram arrebatados incontrolavelmente sob o poder divino, a ponto de não poderem controlar-se. Pelo contrario, Paulo indica que o espírito humano, mesmo sob a inspiração, está sujeito ao controle da vontade; e que o Espírito de Deus e o espírito humano se fundem de tal modo que a ordem será sempre preservada. Paulo se mostrou contrário à intoxicação mística, que vai além do bom senso, da ordem e dos propósitos morais.

- A subitaneidade da revelação parece demonstrar que se trata de uma verdade que se faz imediatamente necessária; assim sendo, deveria ser expressa sem demora. Até mesmo os profetas inspirados podem falar por tempo demais, precisando ser calados!

- Nas sinagogas judaicas, que serviram de modelo para muito que se fazia nas igrejas dos cristãos primitivos, a congregação se assentava a fim de orar, de ler e de receber ensino, ao passo que os oradores se punham de pé (ver Lc. 4.16 e At. 13.16, que subentende a mesma forma de ação).

### **31 Porque todos podereis profetizar, uns depois dos outros, para que todos aprendam e todos sejam consolados.**

- A distinção entre a profecia como dom espiritual e a profecia como parte das Sagradas Escrituras (2Pe. 1.20) deve ser conhecida com clareza, embora se trate, nos dois casos, de uma mensagem recebida de Deus.

- Os escritores da Bíblia recebiam suas mensagens mediante a inspiração direta e única da parte do Espírito Santo, e a comunicavam sem erro. O resultado foi uma mensagem infalível. A profecia do tipo descrito nos caps. 12 e 14 de 1Coríntios, porém, não tem inerente em si a mesma autoridade ou infalibilidade que a inspirada Palavra de Deus (2Tm. 3.16). Embora provenha do impulso do Espírito Santo, esse tipo de profecia nunca poderá ser considerado inerrante. Sua mensagem sempre estará sujeita à mistura e erros humanos. Por isso a profecia da igreja nunca poderá ser equiparada com as Sagradas Escrituras.

- Além disso, a profecia em nossos dias não poderá ser aceita pela igreja local até que seus membros julguem o seu conteúdo, para averiguar a sua autenticidade (ver v. 29; 12.10). A base

fundamental desse julgamento é a Palavra de Deus escrita, isto é, a profecia está de conformidade com a doutrina apostólica? Toda experiência e mensagem na igreja devem passar pelo crivo da Palavra de Deus escrita.

### **32 E os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas.**

- O que está aqui em foco é o espírito humano sob o controle do Espírito de Deus. O espírito humano, possuidor de dons espirituais, é igualmente incluído nessa menção da palavra “espíritos”. Entretanto, alguns eruditos têm pensado que essa palavra “espíritos” se refere aos próprios “dons espirituais”, tal como se vê no v. 12 deste capítulo. Essa interpretação é possível, mas é menos provável do que a interpretação dada aqui. Também não está em foco o “Espírito Santo” sobre cada crente, individualmente. Porquanto isso faria o Espírito de Deus estar sujeito a si mesmo, o que é uma ideia sem cabimento.

- Essa palavra “espíritos”, por igual modo, não significa as “emoções íntimas”, as “inspirações”, as “excitações”, conforme alguns eruditos têm imaginado, apesar dessa palavra, no original grego, ocasionalmente indicar exatamente isso.

- A sujeição aqui referida não quer dizer que os dons de cada profeta estivessem sujeitos a outros profetas. Cada qual deve exercer o seu dom, de conformidade com a sua própria habilidade. Porém, a **maneira de exercer** o dom é sujeitá-lo aos outros profetas.

- Precisamos considerar os seguintes pontos: 1. Um profeta deve exercer seu dom de acordo com a ordem geral da congregação. 2. Um profeta não deve agir egoisticamente, visando a ostentação. 3. Cada profeta deve falar, por permissão dos demais profetas, numa cessão tácita da oportunidade. 4. Cada profeta está sujeito ao juízo ou discernimento dos outros profetas.

- Existem alguns intérpretes que entendem essa declaração no sentido que cada profeta está sujeito a si mesmo, isto é, sob o seu controle racional, de tal modo que pode por em ordem a expressão de seu próprio dom, não se deixando arrastar por um êxtase místico que destrua seu controle racional. E essa opinião mui provavelmente concorda com a verdade dos fatos, sendo talvez a mensagem central do que Paulo aqui queria dizer. Ele já dissera a mesma coisa quando limitara o uso das línguas e da profecia a apenas dois ou três participantes. O dom espiritual de um homem não o controla; ele é quem controla o seu dom; nenhum êxtase místico pode destruir o controle exercido pela vontade e pela razão de um crente, se ele estiver usando corretamente seu dom espiritual.

- Paulo firma o princípio que, na verdadeira profecia, o autoconsciente e o controle próprio jamais se perdem. Deus não outorga qualquer dom espiritual incontrolável.

- Portanto, todo o crente poderá controlar-se o suficiente, por mais inspirado que seja, de modo a poder ceder a vez a outros, quando chegar sua vez de falar. Bons intérpretes têm interpretado dessa maneira essa asseveração de Paulo; contudo, existem outros que concordam com os pontos primeiro a quarto, mais acima alistados, no sentido que o espírito de cada profeta está sujeito ao espírito dos outros profetas, não podendo agir como entidade inteiramente independente. Isto é o que é ensinado nos vv. 27, 30 e 31.

- Aqueles que provocavam o caos e a confusão em suas reuniões, por quererem exibir os seus dons espirituais, tão-somente demonstravam que o Espírito do Senhor não controlava os seus espíritos. No caso dos oráculos divinos, as profetisas não exerciam qualquer controle sobre si

mesmas, e continuavam a falar até se prostrarem de exaustão. Ora, Paulo não queria que as reuniões dos cristãos se assemelhassem aos oráculos pagãos. Deveria haver um controle capaz de impor a ordem em tudo.

### **Referências bibliográficas:**

- ARRINGTON, French L. **Comentário bíblico pentecostal – Novo Testamento**, v. 1. 4ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2ª. edição. Editora ICP, 2006.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2ª. edição. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **Dons de poder**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- GILBERTO, Antonio. **Lições bíblicas: Dons Espirituais e Ministeriais: Servindo a Deus e aos homens com poder extraordinário**. Editora CPAD, 2014.
- HENRY, Matthew. **Comentário bíblico: Novo Testamento – Atos a Apocalipse**. Trad. Luis Aron, Valdemar Kroker e Haroldo Janzen. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **Dons de poder**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **Dons de poder**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **Dons de poder**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5ª. edição. Editora CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Editora CPAD, 2005.